

A arte dos repentistas: sua história e suas técnicas

Quem nunca inventou uma brincadeira ou improvisou uma modinha qualquer utilizando rima? E quem nunca tentou parodiar uma música e sentiu que algumas palavras não cabiam no ritmo? E ainda, quem nunca sentiu dificuldade de organizar as idéias para falar ou escrever sobre determinado assunto? Certamente todos nós já nos flagramos em situações como essas. Imagine, então, artistas que convivem profissionalmente com tais dificuldades.

Provavelmente você já assistiu pessoalmente ou ao menos ouviu falar em Cantadores de Viola, Violeiros ou Repentistas. Esses artistas são profissionais que lidam diariamente com essas dificuldades há nada menos que dois séculos. É isso mesmo, desde a primeira metade de século XIX a atividade cultural desses artistas desbrava os mais diversos rincões do nosso país. A pesquisadora Verônica Moreira (2005:27) cita Agostinho Nunes da Costa – 1797/1858 – como o repentista pioneiro. A partir daí há uma atividade ininterrupta desses fazedores de arte popular em todo o Brasil, principalmente no Nordeste. Vale ressaltar que no início atuavam essencialmente nas zonas rurais, quando a população do interior nordestino era majoritariamente agrícola.

Ao longo desses dois séculos os repentistas evoluíram numa série de aspectos: urbanizaram-se, politizaram-se e, na medida do possível, alguns formalizaram os seus conhecimentos adquiridos como autodidatas, sem, no entanto, perder as suas principais características. Continuaram utilizando a viola como instrumento de apoio, empregando rima e métrica com rigor. O desafio de dominar tais regras parece ter sido um atrativo tanto para os ouvintes quanto para o surgimento de um número crescente de novos repentistas, contingente multiplicado a cada geração.

Atualmente não há uma estatística exata para a quantidade de repentistas nordestinos. Contudo, levantamentos superficiais feitos pelas 28 associações de poetas populares afirmam que há de cinco a oito mil em atividade. A maioria desses, no entanto, não exerce o seu labor poético profissionalmente. Canta como *hobby* ou como complemento de renda, sendo a cantoria encarada como uma segunda profissão. Outra parcela significativa adota a cantoria como primeira profissão, mas exerce outra atividade qualquer para complementar a renda ou simplesmente para preencher o tempo ocioso. Finalmente, há uma minoria que trabalha cotidiano e profissionalmente a cantoria; apresenta programas de rádio, faz cantorias e apresentações, compete nos festivais, etc. Dentre os que se dedicam exclusivamente à cantoria, ainda há os privilegiados, que participam de todos os grandes eventos do gênero, detêm a preferência da maioria dos apologistas, formam opinião e servem de modelo para as gerações que vão surgindo. Esses, sim, conseguem viver com muita dignidade fazendo o que sabem e gostam de fazer.

Apesar de desfrutarem de uma aceitação mais generalizada hoje em dia, os Repentistas ainda carregam a herança de alguns estereótipos difundidos por vários medalhões da história e da literatura brasileira. Há também aqueles estudiosos que foram/são generosos na definição desses profissionais. Entre os que conceituam Repentista podemos citar Silvio Romero – um dos primeiros –, Câmara Cascudo, Gustavo Barroso, Guilherme Neto, Leonardo Mota, Luis Wilson, Pedro Ribeiro e Orlando Tejo.

Silvio Romero define o repentista como um homem de poucas letras, rústico, sem conhecimento de gramática ou quase sempre analfabeto; "intérprete fiel dos costumes, das histórias e do heroísmo de seu povo". Câmara Cascudo, também o conceitua como errante,

analfabeto..., apesar de também nomeá-lo "representante legítimo de todos os bardos e menestréis". Para Mota, "são os poetas populares que perambulam pelos sertões, cantando versos próprios e alheios". Wilson dá ênfase, de maneira muito negativa, à falta de musicalidade dos Repentistas.

Entre os que conceituam de maneira positiva, Barroso eleva filosoficamente a imagem dos poetas populares, ao afirmar que são "indivíduos cultos ou semicultos", cuja poesia desce ao povo e se batiza nas águas lustrais do seu oralismo. Neto define os repentistas como "geniais poetas e versejadores do sertão". Para Ribeiro, são os representantes máximos do repente. Tejo, por sua vez, filosofa ao afirmar que os repentistas constituem imensa legião de "homens que amam, sonham, sofrem e brincam de viver no mundo, pescando estrelas, caçando ilusões, plantando tardes, colhendo auroras, levando a sua imagem sutil e profunda, tímida e vigorosa ao povo ávido de poesia que os ouve embevecido". E como essas poesias são compostas? Absolutamente de improviso, de repente. É por essa característica fundamental que o termo "Repentista" caracteriza melhor esses profissionais do que "Cantador" e "Violeiro". Os improvisos são sempre compostos obedecendo a um conjunto de regras fixas e obrigatórias, tais como: rima, métrica e oração.

Como se não bastasse o rigor estabelecido para a composição, ainda há outros elementos que complicam (ou ajudam?) nesse processo. O tempo é um deles. Cada repentista tem, em média, de cinco a dez segundos (tempo em que o parceiro canta a sua estrofe) para organizar as idéias e em seguida apresentá-las, cantando no tom e no ritmo da viola. Além disso, a apresentação – seja no rádio, no pé-de-parede, na rua, no festival ou na TV – é sempre acompanhada por um público exigente que conhece, mesmo que superficialmente, essas técnicas.

Vejamos a rapidez com que o repentista Louro Branco, cearense que reside em Santa Cruz do Capibaribe – PE, compôs uma estrofe numa cantoria em que o ambiente estava enfeitado com decoração junina. Louro começava dizendo:

Nessa nossa cantoria
Quero que paga aconteça

Nesse momento um cordão que sustentava as bandeirolas quebrou e caiu na cabeça do poeta, que segurou o cordão; em seguida mais cordão caindo e ele pegando, ao que disse na continuação da estrofe:

Quebrou-se agora um cordão
Caiu na minha cabeça
É caindo e eu pegando
Se tem cordão apareça

A quebra da coerência entre o começo da estrofe e os quatro versos finais se justifica pela narrativa do fato momentâneo, de maneira poética e bem-humorada, seguindo rigorosamente a métrica e a rima.

A rima é um critério adotado também por outros poetas, compositores etc., mas no caso dos repentistas há um rigor que não existe nos demais. Enquanto é mais comum nas outras composições a utilização da rima apenas sonora, exata ou não, os repentistas adotam a rima

gráfica, ou seja, *Pará* rima com, *cá*, *babá*, mas não rima com *cantar* nem com *ar*, mesmo que o *r* final dessas palavras não apareça na pronúncia. Apesar desse rigor, a rima é considerada o item mais simples dos três obrigatórios na cantoria.

A métrica é outro item indispensável principalmente para a manutenção do ritmo em qualquer modalidade musical. Para os repentistas, além do rigor silábico, sete, dez ou onze sílabas poéticas, entra em cena uma regra que faz toda a diferença: a tonicidade, isto é, não basta um verso em decassílabo ter dez sílabas, estas deverão estar dispostas de modo que a terceira, a sexta e a décima sejam tônicas. Teoricamente parece muito complicado e, de fato, não é simples, mas assim como a rima a métrica se torna algo de certa forma automatizado. Vejamos um exemplo de tonicidade numa estrofe em decassílabo:

A estrofe que eu canto chega plena
Da tristeza da roupa da viúva
São José e são Pedro dando chuva
Santo Antonio e são João roubando a cena
O festejo das noites de novena
As imagens na mesa, o som do hino
O terreiro enfeitado de menino
E o foguete explodindo no espaço
O repente que eu canto é um pedaço
Da história do povo nordestino
(autoria própria)

Sublinhamos as sílabas poéticas, que nem sempre coincidem com as sílabas gramaticais. A contagem das sílabas poéticas finda na última sílaba tônica da palavra.

E a oração, qual a sua importância? Este é o item mais complicado, minucioso e, portanto, mais difícil. Trata-se da obediência ao tema e o aprofundamento da abordagem feita. Claro que trabalhar qualquer tema de maneira consistente é algo que apresenta considerável grau de dificuldade até em prosa, como acontece, por exemplo, numa redação de vestibular. Imagine, então, em verso, em que há limite de palavras, quantidade fixa de sílabas, rimas, etc.

Como a variedade de temas é enorme, a quantidade de informações é cada vez maior e a capacidade crítica dos ouvintes tem se aperfeiçoado, é também crescente a necessidade de aperfeiçoamento técnico e ampliação dos conhecimentos por parte dos repentistas, para que continuem correspondendo à curiosidade dos ouvintes e às expectativas do mercado cultural.

Pois é, o que para muitos pode parecer algo descomprometido com o rebuscamento técnico obedece, sim, a uma série de normas inflexíveis.

Em nome dos Repentistas
Esse encontro a gente fez
Rima, métrica e oração
Refletimos sobre as três
Troço que tenha aprendido
Obrigado por ter lido
E até uma próxima vez

Edmilson Ferreira
Repentista e professor

Recife, maio de 2010.